

## O rap e o hip-hop na programação de Rádios FM de Universidades Públicas: um inventário

*Rap and hip-hop in the programming of FM Radios of Public Universities: an inventory*

*Rap y hip-hop en la programación de Radios FM de Universidades Públicas: un inventario*

*Nilo Mortara Gomes; Octavio Penna Pieranti*

### Resumo

Este artigo faz um inventário de programas radiofônicos dedicados ao rap e ao hip-hop na grade de programação de rádios FM controladas por universidades públicas. São realizadas discussões teóricas e históricas sobre hip-hop e rap, abordando sua relação com as emissoras de rádio. Procura-se delimitar também as características das rádios universitárias e o papel das programações no contexto da radiodifusão pública. O inventário produzido teve como amostra a grade de programação das 33 emissoras FM educativas ligadas a universidades públicas brasileiras (federais, estaduais e municipais) mapeadas no artigo "Cartografia das rádios universitárias do Brasil (1950 – 2016)" (MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY; MATOS, 2017).

**Palavras-chave:** Rádios Públicas; Rap; Hip-hop; Rádio musical

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 23/02/2021 aceito em: 27/04/2021.

### >> Como citar este texto:

GOMES, Nilo Mortara; PIERANTI, Octavio Penna. O rap e o hip-hop na programação de Rádios FM de Universidades Públicas: um inventário. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 13, n. 02, p. 74-94, jan./abr. 2022.

### Sobre os autores

Nilo Mortara Gomes  
[niloamfg@gmail.com](mailto:niloamfg@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-5577-0377>

Mestrando no Programa de Pós Graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC/ Unesp Bauru. Possui graduação em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos (2010). Atua como animador cultural - Sesc São Paulo. Tem experiência na área de Artes e Comunicação, com ênfase em Audiovisual e Música.

Octavio Penna Pieranti  
[octavio.pieranti@gmail.com](mailto:octavio.pieranti@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-2719-2431>

Professor do Mestrado Profissional em Mídia e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (PPGMiT/Unesp). Doutor em Administração e mestre em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), com pós-doutorado em comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É autor/organizador de dez livros, sendo o mais recente deles "Entre plantações de morangos, florestas e oceanos: arquivos esquecidos da Rádio Nacional recontam a origem da Radiobrás" (FAC/UnB, 2022, disponível para download gratuito).

### **Abstract**

This article makes an inventory of radio programs dedicated to rap and hip-hop in the programming grid of FM radios controlled by public universities. Theoretical and historical discussions are carried out on hip-hop and rap, approaching their relationship with radio stations. It also seeks to delimit the characteristics of university radios and the role of their programming in the context of public broadcasting. The inventory was based on a sample of the programs of 29 of the 33 educational FM stations linked to Brazilian public universities (federal, state and municipal).

**Keywords:** Public Radio; Rap; Hip-hop; Music radio

### **Resumen**

El trabajo realiza un inventario de los programas radiales dedicados al rap y al hip-hop en la parrilla de programación de las radios FM controladas por las universidades públicas. Se realizan discusiones teóricas e históricas sobre el hip-hop y el rap, abordando su relación con las estaciones de radio. También busca delimitar las características de las radios universitarias y el papel de su programación en el contexto de la radiodifusión pública. El inventario producido tuvo como muestra la programación de 29 de las 33 FM educativas vinculadas a las universidades públicas brasileñas (federales, estatales y municipales).

**Palabras clave:** Industria fonográfica brasileña; Mapeo de empresas Radio pública; Rap; Hip-hop; Radio musical

## **Introdução**

O hip-hop é um movimento cultural nascido nas periferias urbanas dos Estados Unidos da América na década de 1970. O movimento surge a partir da junção de quatro expressões artísticas (ou quatro elementos): DJ, Breaking, MC e Grafite. Do trabalho conjunto de dois desses elementos, o DJ (Disk Jockey) e o MC (Mestre de Cerimônias), surgiu um novo gênero musical: o "Rhythm and Poetry" (Em tradução direta, "Ritmo e Poesia") ou simplesmente "rap".

O presente artigo objetiva apresentar um inventário sobre a presença do rap e do hip-hop na programação de emissoras de rádio FM universitárias no Brasil. Esse inventário foi realizado a partir do levantamento das programações

das emissoras, sendo necessário expor, de início, a estrutura deste artigo. Sabe-se que tais gêneros musicais também podem estar pontualmente presentes em programas diversos, porém o que se buscou verificar foi a existência de programas especificamente dedicados a esse tipo de conteúdo.

A partir de estudo bibliográfico acerca do hip-hop e do rap, buscou-se, nas seções a seguir, apontar algumas de suas singularidades e relações com o movimento negro, com a educação popular, com outros gêneros musicais e com a indústria fonográfica. Também serão abordados, de forma breve e apenas a título de contextualização, alguns históricos da relação do hip-hop com a radiodifusão no Brasil.

Em seguida, busca-se realizar uma contextualização das rádios universitárias, seu histórico e discussões acerca da sua programação, bem como se apresenta a amostra de emissoras pesquisadas. Foram analisadas 33 estações vinculadas a universidades federais, estaduais e municipais, listadas no estudo anterior intitulado "Cartografia das rádios universitárias do Brasil (1950-2016)" (MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY; MATOS, 2017). Os dados sobre as grades de programação e informação sobre os programas foram coletados a partir de informações disponíveis nos websites oficiais dessas emissoras. No caso de emissoras que não possuíam essa informação, foi feito contato via telefone e meios eletrônicos.

Reunidas as informações sobre os programas disponíveis em meios de comunicação e obtidas mediante contato direto com os profissionais por eles responsáveis, foi apresentado o histórico desses conteúdos, da equipe de produção e das propostas de programação. Os dados foram analisados à luz da literatura sobre o movimento Hip-Hop.

Este artigo busca auxiliar na compreensão de como um movimento cultural e um gênero musical identificado com as periferias urbanas e com o público jovem (SANTOS, 2002; FELIX, 2005; LEIVA, 2018) encontra espaço na mídia pública. Mais especificamente, espaço nas emissoras universitárias, cuja proposta educativa, de ligação com seus territórios e de programação alternativa à disponibilizada pelas emissoras comerciais (PIERANTI;

FERNANDES; CARDOSO, 2019; TEMER et al., 2019; ROLDÃO, 2006; MEDEIROS; TEIXEIRA, 2019) vai ao encontro das premissas do hip-hop encontradas nas pesquisas sobre o movimento.

### **O hip-hop no mundo e no Brasil**

Um ponto de partida importante para a análise que ora se delineia é a relevância desse gênero musical no país. Isso pode ser demonstrado, por exemplo, através de uma pesquisa realizada em 2017 com 10.630 pessoas em doze capitais brasileiras. Constatou-se, então, que o rap figurava entre os dez gêneros musicais mais ouvidos em quatro cidades (Brasília, Curitiba, Porto Alegre e São Luís), sendo, na média da pesquisa, o terceiro na preferência entre jovens de 12 a 15 anos, com 32%, atrás apenas do Funk e do Sertanejo (LEIVA, 2018).

O rap foi criado na década de 1970, no bairro do Bronx, periferia de Nova York (EUA), dentro de um contexto mais amplo: o surgimento da cultura hip-hop. O marco simbólico deste foram as festas produzidas pelos irmãos e imigrantes jamaicanos Cindy Campbell e o DJ Kool Herc (CHANG, 2015 apud SANTOS, 2017). Nesses eventos e em outros que aconteciam paralelamente, foi desenvolvida uma nova forma de o DJ usar aparelhos toca-discos, não se limitando à simples seleção das músicas, mas as ressignificando a partir da repetição de pequenos trechos instrumentais, o "breakbeat". Para esse novo som, surgiu uma nova forma de dançar, o "breaking". Os mestres de cerimônias (MCs) foram os responsáveis pela animação das festas e por repassar recados ao público, e logo se aproveitariam do microfone para desenvolver uma nova forma de cantar sobre os "breakbeat" criados pelos DJs. O rap surge desse canto falado dos MCs sobre bases criadas a partir da nova manipulação de discos pelos DJs. Nesse mesmo contexto e território, surge uma nova estética visual na pintura dos muros: o grafite.

Tais linguagens são consideradas os quatro "elementos" do hip-hop: Break, DJ, MC e Grafite. Foi o DJ Afrika Bambaataa o responsável por delimitá-

los em uma unidade:

(...) o que existia eram práticas de um estilo de canto, acompanhado por fragmentos de músicas executadas em pick-ups — uma maneira de se dançar que mais parecia uma sessão de ginástica — e a elaboração de grafites cujos temas principais giravam em torno da questão negra. Até novembro de 1975, nada ligava essas expressões a não ser o fato de que todas elas seriam praticadas por negros que moravam no bairro do Bronx, em Nova Iorque. Foi King Afrika Bambaataa que atuou no sentido de juntar tais expressões e criou uma nova manifestação cultural da juventude negra e latina norte-americana (FELIX, 2005, p. 81).

Bambaataa deu origem à organização Universal Zulu Nation, cuja relevância é abordada por pesquisadores:

Ao criar em 1974 a organização Zulu Nation, Bambaataa pretendia transformar as gangues violentas de jovens dos anos 70 em crews (grupos de dança) baseando-se em valores como a tolerância racial e a paz, ou seja, na tentativa de acabar com as lutas entre gangues juvenis e transformar o duelo caracterizado antes pela violência em arte, música, dança, grafite, buscando saídas de reconhecimento identitário diante de um mundo urbano brutalizado (SANTOS, 2002, p. 39-40).

A criação da Zulu Nation foi importante a ponto de Bambaataa propor um quinto elemento ao hip-hop: o “conhecimento”, que complementaria e ligaria os outros quatro. Tanto Felix (2005) como Santos (2017), descrevendo o universo do hip-hop no Brasil, mais especificamente em São Paulo, demonstram a diversidade das ações desempenhadas pelos atores e organizações ligadas ao movimento cultural. Essa ação não é mais restrita a quatro ou cinco elementos, já que também pode englobar moda, literatura e até mesmo o esporte (SANTOS, 2017). O que se mantém, no entanto, é a identificação com suas origens: a juventude pobre das periferias urbanas, de maioria negra.

No Brasil, o surgimento do hip-hop é associado a um contexto semelhante ao estadunidense, na região central do município de São Paulo. As primeiras movimentações de B.Boys — como são conhecidos os dançarinos de Break — se deram nas grandes galerias localizadas na Rua 24 de Maio, mas logo os encontros passaram a ser realizados na estação São Bento do metrô, local que ficou conhecido como berço do rap nacional. Muito ligado à cultura dos bailes black — festas dedicadas ao funk, soul e seus subgêneros, frequentadas majoritariamente pela comunidade negra — que aconteciam nos clubes de São

Paulo entre as décadas de 1960 e 1980, e buscando absorver toda a informação identificada com o hip-hop nos EUA, os eventos realizados semanalmente nessa estação reuniam os jovens pioneiros do gênero na cidade. O foco dos eventos eram as batalhas de Break, nas quais dançarinos eram acompanhados pelo som dos aparelhos toca-fitas, que logo seriam substituídos pelas apresentações ao vivo dos primeiros rappers (FELIX, 2005, p. 77).

O crescimento de tais eventos atraiu olhares das gravadoras, como a Zâmbia e a Eldorado. No final da década de 1980, surgiram os primeiros registros fonográficos do estilo, como as coletâneas "Hip-hop Cultura de Rua" (1988) e "Consciência Black Vol. 1" (1990). Ainda nessa primeira fase, os encontros passaram a acontecer também na Praça da República, ainda na região central, onde surgiu a primeira posse, o Sindicato Negro (FELIX, 2005). Posses são coletivos dedicados ao hip-hop, reunindo DJs, MCs, B-boys e grafiteiros para ações políticas, sociais e culturais conjuntas. Esse tipo de organização foi muito comum na primeira década do hip-hop no Brasil.

A partir dessa primeira movimentação concentrada no centro da cidade, mas protagonizada em sua maioria por jovens residentes dos bairros periféricos, começaram a surgir novas posses nesses bairros e eventos. Shows e ações educativas tornaram o hip-hop mais conhecido nas regiões afastadas da grande São Paulo. No período se iniciaram diálogos com representantes do poder público e outras entidades sociais e culturais, dando origem a ações como o projeto "Rappers" e a "Pod Crê?", primeira revista dedicada ao hip-hop, que circulou de 1991 a 1994, ambas iniciativas em parceria com o Geledès – Instituto da Mulher Negra (CARVALHO, 2019; FELIX, 2005; SANTOS, 2017). O enraizamento de suas ações nas comunidades é visto como importante para o fortalecimento no hip-hop do caráter educativo e transformador da realidade a partir da expressão cultural:

(...) surgido nas contradições das situações violentas, portanto, anti-educativas, consolidou-se em sua trajetória histórica como um momento culturalmente educativo. Um processo educativo alternativo que se estrutura pela presença do ensino formal, não formal e informal, e por meio de uma relação comunicativa e de compartilhamento das ideias e de objetivos, fomentando a ação cultural em locais não convencionais de aprendizagem, como praças,

festas e ruas (SANTOS, 2017, p. 134).

A proposta educativa e associativa e a renovação estética promovida em suas manifestações artísticas vão de encontro a certas propostas de atuação das rádios educativas e, mais especificamente, rádios universitárias, como será descrito na terceira seção do presente artigo.

### **O rap e o hip-hop nas ondas do rádio**

Paralelamente, mas não desconectado desse trabalho nos bairros, o rap passa a aumentar o público ouvinte e se viabilizar comercialmente. Em 1993, por exemplo, foram vendidas mais de 250 mil cópias do disco *Raio X do Brasil*, dos Racionais MC's, expoentes do gênero (CARVALHO, 2019).

O sucesso do disco está ligado a um novo momento para o rap: sua difusão em emissoras de rádio. Félix (2005) descreve como duas das músicas do álbum, apesar de longas e com letras explícitas e críticas, estiveram presentes na programação das estações comerciais da capital paulista. O autor identifica que a veiculação foi fruto da pressão de ouvintes de emissoras tradicionais, como Band FM, Jovem Pan e Metropolitana, e, assim, *Fim de semana no parque* e *Homem na estrada* se tornaram músicas conhecidas pelo público em geral.

Tal fenômeno de público já havia ocorrido anteriormente com um dos primeiros sucessos do rap brasileiro, *Corpo Fechado*, lançado em 1988 pela dupla Thaíde e DJ Hum (ALVES, 2004, p. 57 apud BONORA; BURITI; CARVALHO, 2007, p. 9). A entrada do rap na programação das rádios, muitas vezes por pressão dos ouvintes, logo deu origem a programas especializados e faixas especiais em rádios comerciais:

Um dos DJs e locutores de rádio mais importantes nesse período era Armando Martins, que se dizia o "pai do rap nacional" por ter sido o primeiro a veicular, com grande audiência, as músicas dos rappers brasileiros nas rádios (...). Seus programas (o mais conhecido deles se chamava Projeto Rap Brasil) lideravam a audiência das rádios – em 1994, na Metropolitana FM, por exemplo, tinha 200 mil ouvintes por minuto (CARVALHO, 2019, p. 17).

Armando Martins fazia parte da equipe de baile "Circuit Power". Bailes

Black e as equipes responsáveis por sua produção – como a Zimbabwe – foram peças importantes na disseminação das primeiras gravações do gênero, tanto nos próprios bailes quanto nos programas de rádio que essas mesmas equipes produziam e apresentavam (FELIX, 2005).

Para além das rádios comerciais que incorporaram o rap na sua programação como resposta à audiência, rádios comunitárias e, antes delas, emissoras de menor potência, também foram importantes para a difusão do gênero, permitindo um discurso e prática mais alinhados à mensagem do hip-hop. Um exemplo é a participação da posse Conceitos de Rua, da Zona Sul de São Paulo na rádio alternativa Causa Black, no bairro do Capão Redondo, organizada por Rogério, militante e criador de uma rádio comunitária no bairro. A posse apresentava um programa chamado *Pode Crê*, que ia ao ar toda tarde de sábado" (FELIX, 2005, p. 115).

Rogério é homenageado na letra da música *Fim de semana no parque*, dos Racionais MC. Na discografia do grupo paulistano também é citada uma outra rádio icônica do movimento de radiodifusão comunitária, localizada na favela Nossa Senhora de Fátima, em Belo Horizonte (MG): a Favela FM (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001).

Aos poucos, a importância do meio radiofônico para a difusão desses gêneros musicais tornou-se inequívoca. Bonora, Buriti e Carvalho (2007), por exemplo, apresentaram uma série de experiências de programação em rádios comerciais e educativas e constataram:

Foi por meio das “ondas eletromagnéticas” que o rap se transformou numa referência musical entre os jovens pobres, ultrapassou as barreiras da periferia para ser apreciado por diferentes segmentos da população e, ainda, adquiriu lugar reservado na programação de diversas emissoras comerciais, onde, porém, se dá maior destaque a artistas internacionais (BONORA; BURITI; CARVALHO, 2007, p. 13).

### **Radiodifusão educativa e as rádios universitárias**

A radiodifusão educativa e, mais especificamente, emissoras universitárias, são quase seculares no Brasil. Pode-se dizer que a primeira se confunde com o próprio nascimento do rádio no país por meio da Rádio

Sociedade do Rio de Janeiro, Já entre as segundas, a Rádio da Universidade 1080 AM, gerida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, iniciou as operações em 1951, sendo a primeira dentre 108 emissoras universitárias operando em AM, FM ou na web (MUSTAFÁ; MARTIN-PENA; KISCHINHEVSKY 2020).

Os autores ponderam que “rádios universitárias não constituem uma categoria específica de outorga para operação; hoje, a grande maioria das outorgas ligadas às instituições de ensino superior – sejam estas públicas, confessionais ou privadas – são de Rádios educativas” (MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY; MATOS, 2017, p.2). Esse conjunto de emissoras ligadas às instituições de ensino superior possuem uma diversidade de estruturas, objetivos e linhas editoriais:

Falar de radiodifusão universitária é falar de uma enorme diversidade de experiências. Estas emissoras podem ser geridas diretamente pela Reitoria ou por órgãos a este ligados, operando com profissionais contratados ou concursados; podem estar inseridas em unidades acadêmicas, geralmente faculdades da área de Comunicação Social, oferecendo espaço para formação profissional de estudantes de Jornalismo e de Radialismo/Rádio, TV e Internet; podem ser ligadas a centros acadêmicos, diretórios centrais de estudantes ou associações de ex-alunos, sendo geridas de forma associativa, em geral por voluntários; ou ainda podem combinar mais de um destes modelos (MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY; MATOS, 2017, p. 2).

Sobre o conteúdo programático dessas emissoras, pesquisadores têm afirmado, em síntese, que estas “caracterizam-se pela programação musical, educativa e cultural” (TEMER *et al.*, 2019, p. 33). Depois de analisar uma amostra de 380 emissoras de rádio educativas, Pieranti, Fernandes e Cardoso (2019) delineiam o que seria um perfil típico: trata-se de estações normalmente mantidas por entidades privadas, mormente operando nas macrorregiões Sudeste e Nordeste do país, que veiculam, durante grande parte do tempo, conteúdos musicais. Chamam atenção, ainda, para outra característica dessas estações:

(...) mais de dois terços das emissoras da amostra não são afiliadas a qualquer rede, operando de forma independente. Essa característica, por um lado, reforça o caráter local da comunicação do meio rádio, bem como maior abertura à programação local, estímulo ao mercado, geração de empregos, a

dependem dos conteúdos veiculados, abertura de espaço para a produção independente. Por outro, gera um questionamento sobre a capacidade de atração das redes existentes no país (PIERANTI; FERNANDES; CARDOSO, 2019, p.16).

Essas características ensejam uma outra consideração. Há mais de uma década, Zuculoto (2010) constatou que estava em discussão a adesão do rádio educativo a um modelo de radiodifusão pública. Esse aspecto foi ressaltado em outros trabalhos:

O modelo de programação que prevaleceu na radiodifusão educativa brasileira envolve, portanto, um leque mais amplo de conteúdos, que inclui jornalismo, música, debates, programas de variedades, conteúdos esportivos, entre outros, supostamente, com um enfoque crítico e voltado à construção da cidadania, isto é, em tese, uma programação compatível com o que, na Europa, frequenta a grade do que se convencionou chamar de *Public Service Broadcasting* (PSB) (PIERANTI; FERNANDES; CARDOSO, 2019, p.11).

Parte do segmento de radiodifusão educativa, como já exposto, as rádios universitárias têm algumas características específicas. Por exemplo, além da programação criada pela equipe das emissoras, algumas delas têm como política editorial, alinhada à extensão universitária, a participação da comunidade interna e externa como proponentes e produtores de programas:

Ainda existem na programação faixas de horários dedicadas a outros programas feitos por colaboradores externos à equipe da rádio, chamados internamente de programas especiais. Com múltiplos temas e formatos, esses programas corroboram para que a emissora consolide sua identidade enquanto rádio pública e educativa, falando para um público heterogêneo e atingindo cada vez mais pessoas. (MEDEIROS; TEIXEIRA, 2019, p. 91)

Dado que este artigo busca identificar programações dedicadas a um gênero musical específico, cuja origem, no Brasil, está relacionada às regiões mais pobres das grandes cidades, cabe refletir, ainda, sobre uma característica esperada na programação das rádios universitárias, segundo a literatura acadêmica:

No que se refere à programação musical, entendemos que ela, por um lado, não deve ser elitista e, ao mesmo tempo, não reproduzir a massificação cultural verificada na maioria dos meios de comunicação que apresenta apenas a produção artística imposta pelas grandes gravadoras. A programação musical também se torna educativa ao desenvolver conteúdos a partir da música e resgatar a cultura local por meio de grupos e músicos da cidade (ROLDÃO, 2006, p.11).

Em consonância com essa proposta, Gianelli (2019, p. 179) esclarece que as rádios educativas e universitárias sempre foram espaços “que abrangiam a veiculação de informações que não seriam de interesse comercial ou estatal e que funcionavam como um importante laboratório para o desenvolvimento da radiodifusão no Brasil”. É razoável pensar, assim, nessas emissoras como mais um lócus para a difusão de gêneros musicais populares, associados às demandas sociais e com pouco espaço na grade de programação das principais emissoras comerciais.

### **Inventário de programas dedicados ao rap e ao hip-hop em rádios FM universitárias**

Para a realização desse inventário, tomou-se como referência o mapeamento apresentado no artigo “Cartografia das rádios universitárias do Brasil (1950-2016)” (MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY; MATOS, 2017, p.8-10), que delimita um universo de “100 emissoras universitárias, pertencentes a 85 instituições de ensino superior. Destas, 73 estão em operação em canais AM e FM” (MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY; MATOS, 2017, p. 3).

Dentre estas 73 emissoras operando como emissoras de radiodifusão – portanto de livre e gratuita recepção pelo público em geral –, 58 operam na faixa de FM, e destas, 33 são ligadas a instituições públicas de ensino superior (federais, estaduais e municipais). O inventário considerou justamente essa amostra de 33 emissoras, apresentadas no quadro abaixo, divididas em regiões geográficas:

#### **Quadro 1. Rádios FM ligadas a universidades públicas incluídas na pesquisa**

| SUL                                    | SUDESTE   | CENTRO-OESTE         | NORDESTE                       |
|--|-----------|----------------------|--------------------------------|
| Rádio Unicentro Entre Rios (Unicentro) | Rádio USP | Rádio Educativa UFMS | Rádio Universitária FM (UFPE), |

|                              |                               |  |                                 |
|------------------------------|-------------------------------|--|---------------------------------|
| Rádio Universitária FM (UFC) | Universitária FM (UFU)        |  | Rádio Universidade FM (UFMA)    |
| Rádio Federal FM (UFPe)      | Rádio Universitária FM (UFLA) |  | Universitária FM (UFRN)         |
| Rádio FURG                   | Rádio Universitária (UFES)    |  | Rádio UFS                       |
| Rádio UEL                    | Rádio Universitária UNESP FM  |  | Rádio UESB Vitória da Conquista |
| Rádio UEM FM                 | Rádio Universitária FM (UFV)  |  | Rádio FM Universitária UFPI     |
| Rádio UDESC FM Joinville-SC  | Rádio Facom (UFJF)            |  | Rádio UESB Jequié-BA            |
| Rádio UDESC FM               | Rádio UFOP Educativa          |  | Rádio UESB Itapetinga-BA        |
| Rádio UDESC FM Lages-SC      | Rádio Unitau                  |  |                                 |
| Rádio Educadora UESC FM      | Rádio UFMG Educativa          |  |                                 |
| Rádio FURB                   | Rádio UFSCar                  |  |                                 |
| Rádio UnC Canoinhas-SC       |                               |  |                                 |
| Rádio UnC Concórdia-SC       |                               |  |                                 |

Fonte: MUSTAFÁ; KISCHINHEVSKY; MATOS, 2017, p. 8 - 10

A despeito de o levantamento já ter sido concluído há mais de cinco anos, é importante ressaltar que é pequeno o número de novas outorgas de radiodifusão educativa. De 2016, ano de conclusão do estudo, a 2018, por exemplo, 29 novas emissoras educativas receberam outorga para operar na

faixa de FM (PIERANTI, 2019), mas apenas quatro delas eram vinculadas a universidades. Tendo em vista que esse número não altera substancialmente as constatações apontadas nesta pesquisa, entendeu-se mais adequada a adoção da amostra constante do estudo mencionado.

Pela divisão apresentada acima, nota-se que 10 emissoras encontram-se na região Sudeste, 10 na região Nordeste, 12 na região Sul, uma na região Centro-Oeste e nenhuma na região Norte. Essas emissoras podem ser agrupadas de diferentes formas: verifica-se, por exemplo, que 17 delas são mantidas por universidades federais; 12 por universidades estaduais; e as 4 restantes por instituições de ensino superior municipais.

As grades de programação e o descritivo dos programas foram obtidos nos websites oficiais das emissoras durante o mês de novembro de 2020 e revisados em fevereiro de 2022. Das 33 emissoras, 29 possuíam uma ou mais páginas em seus websites com os dados dos programas e horários da programação. Nas outras quatro emissoras – Unicentro, UFRN, UnC Concórdia e UnC Canoinhas –, essas páginas não existiam ou estavam com os links quebrados. A programação da Unicentro FM foi obtida após contato telefônico com os estúdios da emissora. Nos casos das rádios UnC Canoinhas e UnC Concórdia, a programação foi encaminhada a um dos autores por e-mail depois de contato telefônico. A grade de programação da Rádio Universitária UFRN foi obtida após contato de um dos autores pelo perfil da emissora nas redes sociais (Instagram).

Na grade de programação de todas as 33 emissoras pesquisadas foram encontrados 5 programas dedicados exclusivamente ao rap e à cultura hip-hop: Zumbi, que vai ao ar, na Rádio Universitária da Universidade Federal do Ceará, todos os domingos, das 18h às 20h; o programa Planeta Hip-hop, transmitido pela Rádio UEL FM (Universidade Estadual de Londrina), das 17h às 18h, todos os sábados; o programa Hora Rap, transmitido pela Rádio UFMG Educativa (Universidade Federal de Minas Gerais), todas as sextas-feiras, das 18h às 19h; o programa Sintonia Hip-Hop, que vai ao ar todo domingo, das 19h às 21h, na UNICENTRO FM (Universidade Estadual do Centro-Oeste); e o programa

Universo Hip-hop, transmitido pela Rádio UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), nos domingos, das 18h às 20h.

### **Os programas dedicados ao rap nas rádios universitárias da amostra**

Transmitido pela primeira vez em 25 de novembro de 2018, o programa Zumbi é produzido, apresentado e idealizado pela produtora cultural Thais Aragão. Thais é servidora pública da UFC, atuando como produtora cultural. Sua relação com o movimento hip-hop data da sua primeira passagem pela UFC, universidade onde se formou em Jornalismo em 1999. O programa Zumbi faz parte de uma tradição de mais de 20 anos na Rádio Universitária, como apresenta a própria produtora:

Ele foi ao ar, inicialmente, de maneira temporária, como uma “série especial de rap”, pois não sabíamos se os produtores do “Se Liga – O Som do Hip Hop” voltariam a produzir o programa deles, que estava sendo transmitido por quase 20 anos pela Rádio Universitária (ARAGÃO, 2020).

O programa Se Liga, produzido pela Rádio Universitária em parceria com a CUFA (Central Única das Favelas), surgiu em 1999 e chegou a ser tema de trabalho de conclusão de curso (BASTOS, 2010). Em entrevista à Thais Aragão no programa Zumbi #26, Preto Zezé, ativista, rapper e empreendedor responsável pela produção geral do Se Liga, contou da experiência de realizar um programa de rap em uma rádio universitária e das relações desse gênero com as rádios comunitárias, como já abordado no segundo capítulo deste artigo:

A gente tinha um programa aqui [na Rádio Universitária] e em uma porrada de rádio comunitária, né. (...) Porque a Universitária, ela foi meio que um laboratório de aperfeiçoamento, porque a rádio comunitária tem mais aquela flexibilidade da linguagem, e na Rádio Universitária, ao mesmo tempo que não era uma rádio comercial também não era uma rádio comunitária então dava pra gente misturar um pouco da espontaneidade da rádio comunitária com a coisa mais organizada da rádiocomercial, então foi um aprendizado e tanto pra nós (ZUMBI, 2019).

*Se Liga* foi ao ar até 2018, ano em que surgiu o programa Zumbi. Conforme descreveu Thais, o programa iniciou como algumas edições especiais que substituiriam temporariamente o *Se Liga*, mas “a série especial foi se

desdobrando em novas edições semanais, até que o programa Zumbi – O Rap na Universitária FM se estabeleceu na grade da emissora” (ARAGÃO, 2020).

Zumbi é um programa essencialmente musical, mas também inclui outros conteúdos informativos, como “entrevistas com artistas, produtores musicais, produtores culturais e pesquisadores” (ARAGÃO, 2020). A programação também não se restringe ao rap, trazendo outros gêneros que dialogam com o hip-hop, “como o R&B, o funk e o bregafunk, por exemplo” (ARAGÃO, 2020). O programa também veicula matérias produzidas pelos estudantes bolsistas da UFC, contribuindo para o caráter laboratorial da emissora e a ligação entre ensino e extensão no trabalho dessa rádio universitária.

Em 24 de abril de 2014, começou a ser transmitido pela Rádio UFMG Educativa o programa Hora Rap, comandado por Clebin Quirino, produtor, músico e educador, e por Michel Brasil, comunicador, educador e músico. Ambos atuam em projetos culturais e de comunicação comunitária na cidade de Belo Horizonte, sendo grande parte deles dedicados à juventude que reside nas periferias. Apesar de ser transmitido atualmente pela Rádio UFMG Educadora, o Hora Rap surgiu em uma rádio comunitária:

O programa Hora RAP surgiu em meados de 2002, na Rádio Fusão Real, emissora comunitária que atuava nas imediações do bairro Jardim Vitória, região nordeste de BH. Após o encerramento das atividades da rádio, em 2005, o programa suspendeu suas atividades por alguns anos; até quando voltou a ser transmitido pela UFMG Educativa, no início de 2014 (QUIRINO, 2020).

Hora RAP é um programa especial produzido de forma independente por colaboradores externos à universidade. O foco do programa é a difusão da música rap. Seus realizadores assim definem a missão do programa: “dar visibilidade a músicos e produtores de Minas Gerais, pautando a produção local e constituindo um espaço público mediatizado de discussão das questões inerentes ao universo do Hip Hop”.

Também em 2014, mas no dia 18 de julho, estreou na rádio UEL o programa Planeta hip-hop, produzido e apresentado pelo rapper e produtor cultural Leandro Palmeirah. “Um dos fundadores do grupo Família IML (em atividade desde 1995), idealizador da Batalha de Rimas e integrante do

Movimento de Artistas de Rua de Londrina” (NASCIMENTO, 2014), Leandro também é responsável pelo projeto Colorindo Vidas, que produz ações comunitárias e artísticas no bairro Vista Bela (PALMEIRAH, 2021).

O programa é semanal, produzido por Leandro e Elias Verneges, e vai ao ar das 17 às 18 horas de sábado. Sua programação é baseada “no rap nacional e internacional, na black music e em uma música popular brasileira intimamente ligada à cultura urbana contemporânea” (UEL FM, 2020).

Criado em 2003 em uma rádio AM comercial, a Rádio Cacique, o programa Sintonia Hip-Hop estreou em 6 de dezembro de 2015 na programação da Rádio UNICENTRO FM 99,7 em Guarapuava-PR. É apresentado por Rudimar Rebello, conhecido como Mano Hood, militante e organizador de eventos da Cultura Hip Hop desde o ano de 1999, que tem trajetória como pesquisador sobre o tema; tem licenciatura em geografia pela UNICENTRO e é mestre em educação pela mesma universidade, defendendo a dissertação “Hip hop: o ensino das ruas” (REBELLO, 2018).

Sintonia Hip-Hop vai ao ar todos os domingos, das 19h às 21h, com uma programação de rap nacional e internacional, dando espaço privilegiado aos artistas de Guarapuava e região, como descreve o realizador:

(...) Desde essa época até os dias de hoje abro meu programa a todos os rappers que têm interesse em mostrar suas músicas, abro espaço para entrevistas e procuro incentivá-los a compreender a importância da atuação deles como militantes de um movimento negro de resistência (REBELLO, 2018, p.54).

No ano de 2016, a produção do programa realizou uma série de eventos dedicados ao hip-hop em bairros e locais centrais de Guarapuava. Esses eventos reuniam artistas dos quatro elementos do hip-hop (DJ, MC, Breaking e grafite) e se chamavam Sintonia Hip-Hop no Bairro ou Sintonia Hip-Hop no Parque, de acordo com o local onde aconteciam (REBELLO, 2018). No mesmo ano, foi realizada a I Semana da Cultura Hip Hop na UNICENTRO, conectando a universidade e o movimento hip-hop da cidade (REBELLO, 2022).

O programa Universo Hip-hop existe desde 13 de março de 1997 na rádio UFES<sup>[1]</sup> e é o mais antigo dos programas encontrados. Criado pelos rappers e

DJs L Brau e Renegrado Jorge, o programa já foi transmitido em vários horários e chegou a ter três horas de duração. A ligação direta entre seus fundadores, ambos artistas conhecidos na cena hip-hop de Vitória, foi importante para a consolidação do programa, da mesma forma que o “Universo hip-hop” contribuiu para o desenvolvimento do rap localmente. Nos primeiros anos, por exemplo, eram tocadas as bases instrumentais durante parte do programa para que os jovens rappers pudessem gravar suas letras de forma caseira sobre as bases transmitidas pelas ondas do rádio. Essas gravações em fita cassete eram enviadas ao programa que veiculava esses novos artistas, criando espaço e condições para que novos rappers surgissem (BRAU, 2021).

Atualmente, o programa é produzido e apresentado por L Brau, com a colaboração do rapper e produtor Edson Sagaz e da jornalista Duane. Em mais de vinte anos de atuação, o programa já teve diversos outros colaboradores e formatos. Lançou em 2001 uma Coletânea<sup>[2]</sup> com artistas da cidade. Já recebeu nos estúdios diversos artistas do hip-hop capixaba e nacional, além de constantemente colaborar na divulgação e cobertura de eventos culturais da cidade, conforme relatado por seu apresentador (BRAU, 2021).

### **Considerações Finais**

Por meio deste inventário, procurou-se compreender melhor a programação dedicada ao rap e ao hip-hop nas rádios universitárias. Foram mapeados cinco programas em cinco emissoras diferentes, sendo três ligadas a universidades federais e duas mantidas por universidades estaduais. Analisando o histórico e o contexto de produção desses programas, puderam ser vislumbradas diferentes possibilidades de conexão dessas emissoras com o Rap, conexões que não se esgotam na música, refletindo a complexidade cultural do hip-hop.

Vale ressaltar que esse grau de complexidade é típico, também, das emissoras de rádio universitárias. Como se procurou sucintamente demonstrar, elas, por vezes, representam aspirações quanto ao seu enquadramento em um

modelo de radiodifusão pública que, por definição, é diverso em termos de formatos e plural no que tange aos grupos representados e, por vezes, participantes da própria gestão dessas estações.

Nos programas encontrados neste inventário, é possível perceber projetos com propostas que buscam abarcar a diversidade do hip-hop e que são encabeçadas por pessoas com trajetórias consolidadas nesse universo. Partindo das premissas da radiodifusão educativa, esses programas promovem a difusão da música produzida nas periferias do Brasil e do mundo, aprofundam as possibilidades educativas, políticas e artísticas do hip-hop. Nesse sentido, podem ser citadas como exemplos a coletânea de artistas de Vitória-ES, lançada pelo programa Universo Hip-hop da Rádio UFES, os eventos realizados em Guarapuava pela produção do programa Sintonia Hip-Hop, da rádio UNICENTRO, e a ligação dos apresentadores dos programas Hora Rap e Planeta Hip-hop, Clebin Quirino e Leandro Palmeirah respectivamente, com projetos sociais e educativos em suas comunidades.

Verifica-se, ainda, a integração, ao menos no plano teórico, desses conteúdos à cena do hip-hop. Isso pode ser observado tanto na relação direta entre os programas, seus apresentadores e produtores com outras iniciativas ligadas ao hip-hop (grupos de rap, projetos sociais, entidades da sociedade civil, dentre outras), quanto na forma de concepção dos programas, segundo os relatos abordados, dando destaque a novos grupos, a produções regionais e locais e, também, a outros conteúdos para além da música rap, como entrevistas, matérias jornalísticas e agenda cultural. Nesse sentido, cita-se como exemplo o caráter informativo do programa Zumbi, que veicula entrevistas com pessoas ligadas ao hip-hop e matérias especiais produzidas por estudantes da UFC, conforme relato da sua apresentadora.

Por fim, ressalte-se que, tendo em vista características intrínsecas ao hip-hop e ao rap, como se procurou demonstrar neste artigo, entende-se que sua veiculação é também o resultado de um diálogo com premissas inerentes a rádios universitárias. Afinal, a universidade (e suas rádios) e esse gênero musical apregoam a produção e difusão de conhecimento e a necessidade de

conexão com a comunidade nos quais estão inseridos.

## Referências

BASTOS, Patricia Kilvia de Freitas. **Comunicação popular e CUFA: um estudo de caso do Programa Se Liga! O Som do Hip Hop. 2010. 65f. TCC** (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social, Habilitação em Publicidade e Propaganda, Fortaleza (CE), 2010.

BONORA, Mariana Machado; BURITI, Pedro Leonardo Alonso Buriti; CARVALHO, Juliano Maurício de. **O Rádio como o meio de divulgação do Movimento Hip Hop.** Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 5, n. 9, 2007.

CARVALHO, Paula Costa Nunes. **A encruzilhada do rap. Produção de rap em São Paulo entre 1987 e 1998 e seus projetos de viabilidade artística.** Orientação: Fernando Antonio Pinheiro Filho. 2019. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

FELIX, João Batista de Jesus. **Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano.** Orientadora: Lilia Katri Moritz Schwarcz. 2005 Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo 2005.

GIANELLI, Carlos Gregório dos Santos. **Do experimental ao comercial: o desenvolvimento da legislação nos primeiros tempos do Rádio no Brasil.** In: ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma (org.). Rádios universitárias: experiências e perspectivas. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

LEIVA, João. **Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte** – 1. ed. – Rio de Janeiro : 17Street Produção Editorial, 2018.

MEDEIROS, Rafael; TEIXEIRA, Nísio. **Modelo de Programação das Rádios Universitárias Públicas: além dos muros do campus, a estação do conhecimento.** In: ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma (org.). Rádios universitárias: experiências e perspectivas. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

MUSTAFÁ, Izani; MARTIN-PENA, Daniel; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádios universitárias no Brasil e na Espanha, uma abordagem comparativa.** In: Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2020). Salvador, BA. 2020.

MUSTAFÁ, Izani; KISCHINHEVSKY, Marcelo; MATOS, Cristiana Martins de.

**Cartografia das rádios universitárias do Brasil (1950-2016).** Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: Universidade Positivo, 2017.

NASCIMENTO, Ana Paula. **Planeta Hip Hop estreia na rádio UEL. Folha de Londrina, Londrina.** Folha de Londrina, Londrina, 18 de julho de 2014 Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/planeta-hip-hop-estreia-na-radio-uel-887716.html>. Acesso em: 12 dez /2020.

PIERANTI, Octavio Penna. **Expansão da radiodifusão: uma análise das 1.833 outorgas do governo Temer.** Revista Galáxia, n. 42, set.- dez. 2019.

PIERANTI, Octavio Penna; FERNANDES, Elza Maria Del Negro B.; CARDOSO, Leticia Ribeiro. **Distante de Roquette-Pinto, mas perto de quê? Características básicas da programação do rádio educativo no Brasil.** Revista Eptic, v. 21, n. 1, jan-abr. 2019.

REBELLO, Rudimar da Rocha Lyra. **Hip hop: o ensino das ruas.** Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientador: Jefferson Olivatto da Silva. Guarapuava, 2018.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella e CASSEANO, Patrícia. **HIP HOP: a periferia grita.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2001.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. **O Rádio Educativo no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Brasília. 2006.

SANTOS, Rosana Aparecida Martins. **O estilo que ninguém segura-Mano é mano! Boy é boy! Boy é mano? Mano é mano?.** 2002. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SANTOS, Maria Aparecida Costa dos. **O universo hip-hop e a fúria dos elementos.** Orientação: Patrícia Dias Prado. 2017 Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

TEMER, Ana Carolina et al. **"Mapeamento das condições de funcionamento de rádios vinculadas a instituições públicas de ensino superior."** In: ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma (org.). Rádios universitárias: experiências e perspectivas. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

UEL FM. **Planeta Hip Hop.** Disponível Em: <http://www.uel.br/uelfm/programa.php?id=203&titulo=Planeta+Hip+Hop>. Acesso em 12 dez de 2020.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras.** 2010. Tese (Doutorado em Comunicação Social) -

Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Porto Alegre, 2010.

### **Respostas aos formulários por parte das produções e programas acessados**

ARAGÃO, Thais. "Pesquisa sobre programas de Rap em Rádio Universitárias", [Mensagem Pessoal] recebida por <zumbi@radiouniversitariafm.com.br> em 24 nov de 2020.

BRAU, L. [Mensagem de áudio]. WhatsApp. 22 fev de 2021. 15:30. 1 mensagem de WhatsApp.

QUIRINO, Clebin. "Pesquisa sobre programas de Rap em Rádio Universitárias", [Mensagem Pessoal] recebida por <horarapbh@gmail.com> em 11 de dez de 2020.

PALMEIRAH, Leandro [Conversa pessoal]. WhatsApp. 21 fev de 2021. 22:50. 8 mensagens de WhatsApp.

REBELLO, Rudimar da Rocha Lyra "Pesquisa sobre programas de Rap em Rádio Universitárias", [Mensagem Pessoal] recebida por <manohood@outlook.com> em 14 abr de 2022.

Entrevistado: Preto Zezé. Entrevistadora: Thais Aragão: Rádio Unversitária FM ZUMBI #26, Podcast (gravação do programa transmitido pela Rádio Universitária FM em 30 jun de 2019). Disponível em: <https://www.mixcloud.com/radiouniversitariafm/zumbi-o-rap-na-universit%C3%A1ria-fm-26/> acesso em: 10 dez de 2020.

---

<sup>[1]</sup> No momento da resposta do questionário, o programa estava temporariamente suspenso, por conta do fechamento da UFES como medida restritiva para contenção da pandemia de Covid-19

<sup>[2]</sup> COLETÂNEA: Universo Hip-hop. Vitória: Independente, 2001. CD.